

Revista 'Artéria' pode significar um canal aberto para Cultura de Santos

Evêncio da Quinta

A modernidade da revista começa no título, que incorpora ao mesmo tempo a idéia de arte e a sugestão anatômica de artéria, o lugar por onde corre o sangue. Que sangue seria esse, senão o da cultura, que dá vida à Cidade, a qualquer cidade? Temos, portanto, num único título, expresso de forma metalinguística — *Artéria* —, as duas propostas básicas da revista: arte e cultura, ou, caso se pretenda permanecer no terreno das comparações anatômicas propriamente ditas, uma transfusão de sangue no organismo um tanto ou quanto anêmico e debilitado da Cidade.

Sim, porque ao longo dos anos, mediante o trabalho cumulativo de vários prefeitos, alguns amados, outros simplesmente execrados, a Cidade, seja como for, conseguiu manter níveis de desenvolvimento material e civilidade bastante aceitáveis, a ponto de ser considerada a *primus inter pares* entre as de seu porte, em todo o Brasil, excluindo as capitais. Não havia necessidade desta exclusão, porque todos sabem que há muita capital por aí que não tem o suporte de serviços que Santos oferece. Ou seja: mesmo se incluísem as capitais na comparação, ainda assim Santos permaneceria entre as primeiras.

Mas, se no plano administrativo e meramente vivencial a Cidade apresenta alto nível de prestação e usufruto de serviços, o mesmo não se pode dizer do seu espectro cultural. Não que não tenhamos manifestações culturais, pelo contrário, mas, de um modo geral, estamos sofrendo sempre a comparação desvantajosa com São Paulo, uma cidade, diga-se de passagem, que não admite confronto com nenhuma outra neste campo, nem mesmo com suas eternas rivais, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Portanto, se estas gigantes sucumbem diante de São Paulo, o que esperar da pequenina Santos, que mal chega aos 500 mil habitantes?

Aliás, a pouca densidade demográfica da Cidade seria um fator de inibição para o desenvolvimento de uma política cultural e artística auto-sustentada. No entanto, é preciso considerar que todas as cidades brasileiras que estão chegando agora à marca do milhão de habitantes, o fazem à custa do crescimento de favelas em sua periferia. E favelado, como se sabe, não consome arte.

Assim, fica restabelecido que quantidade é uma coisa e qualidade outra, e nem sempre a quantidade deve ser desejada. No caso do volume de população, esta é uma verdade indiscutível. Mas eis que Santos, por estar perto demais de São Paulo, ressentido de manifestações culturais autóctonas, ou autóctones, se preferirem, isto por-

Reprodução

ano I n.º 0
janeiro de 1990

artéria

santos revista

Experiência

SONDA DE ECO

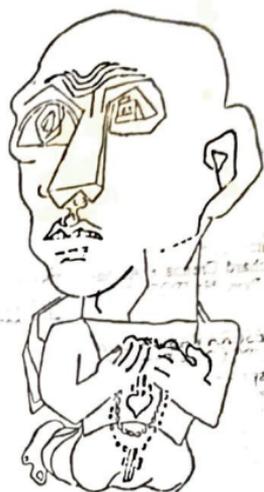
A LOUCURA ENTRE A HISTÓRIA E A ESTÉTICA

Entrevista com
João Frayze-Pereira
por Antonio Lancetti

Ensaio

A ATUALIDADE DE WALTER BENJAMIN

O primeiro número da *Artéria* já está circulando. Uma iniciativa de valor



FALA A LOUCURA. Quero demonstrar-lhes que não existe uma ação brilhante que eu não inspire nem artes ou técnicas que não sejam de minha invenção (Elogio da Loucura, Erasmo de Rotterdam)

que a Capital, como era de esperar, costuma atrair não apenas os valores mas também, e principalmente, os espectadores, os consumidores de Arte e Cultura, tanto de Santos como das outras regiões vizinhas, como o ABC, que é na verdade uma potência econômica, a nível de região metropolitana, mas apresenta baixo índice de manifestações artísticas e culturais.

É num contexto destes que surge a revista *Artéria*. A princípio, o fato dela ser *bancada* pelo Poder Público, através da Secretaria Municipal de Cultura, poderia parecer um entrave à sua aceitação, pois tem-se como princípio básico que a liberdade de opinião só é possível quando desvinculada do oficialismo. Mas, se não fosse o Poder Público, quem *bancaria* uma revista cujas chances de sucesso comercial seriam mínimas em qualquer contexto? *Artéria* ainda é uma produção para minorias, e, sinceramente, tenho a impressão que continuará sendo por muito tempo, pois por mais que os promotores de arte e cultura se esforcem, estes dois itens continuarão sendo sempre destinados ao consumo de uma elite, se não econômica, pelo menos intelectual. Bertolt Brecht havia intuído esta verdade e desistiu de fazer um teatro para operários, isto na Alemanha, país onde o operariado é considerado como de alto nível intelectual.

Por esta razão, fica óbvio que numa região como Santos, que é por definição pobre de recursos econômicos (o que por si só é um entrave ao desenvolvi-

mento da Arte e Cultura), estas manifestações têm de contar com o apoio do único Mecenas disponível, o Poder Público, agora e sempre salvando a Arte e a Cultura, já que quem deveria, pelo menos eticamente, fazê-lo, que é a Universidade, não parece propenso a ingressar em tal campo. Logo, se Santos quer ter a sua revista cultural — e já a tem, de alta qualidade, como se pode verificar no primeiro número de *Artéria* — precisa valer-se de uma pequena parcela dos recursos oficiais.

Isto, evidentemente, não impede que a revista apresente alta definição qualitativa, pois a presença do Poder Público no plano econômico não significa, necessariamente, sua interferência nos assuntos culturais, isto é, não se trata, em absoluto, de publicar uma revista "dirigida", e sim de abrir um canal de discussão estética, o que é bem diferente, e casa adequadamente com o que se entende como função governamental não apenas voltada para as tarefas prosaicas da administração pública.

Assim, *Artéria* surge para preencher a tal lacuna acacia no setor cultural da Cidade. Aberta à colaboração de quem quer que se ache sábio da arte de alinhar dois ou três verbos e substantivos em boa ordem, é preciso apenas que sua colaboração venha a ser considerada de boa qualidade artesanal para merecer a publicação. Isto, numa área onde até então não havia nenhum espaço disponível para a escassa produção intelectual da terra, representa, sem dúvida, um grande passo.